



A leitura com ressignificação valorada do conto "O homem da cabeça de papelão"

Reading with valued resignification of the short story "The man with the cardboard head"

José Ricardo Carvalhoⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-6196-5824>

Universidade Federal de Sergipe

Ana Célia Santana Moraisⁱⁱ

<https://orcid.org/0009-0002-5739-9844>

Universidade Federal de Sergipe

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de leitura com ressignificação valorada aplicada ao conto O Homem da Cabeça de Papelão, de João do Rio (1957), desenvolvida com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. A discussão toma como base o corpus de uma pesquisa de Morais (2024), vinculada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS – Itabaiana), que investiga o ensino da literatura sob uma perspectiva dialógica e axiológica. Fundamentada nos pressupostos do Círculo de Bakhtin e no dispositivo metodológico de Carvalho (2024), a análise propõe uma leitura articulada em quatro planos: sociocognitivo, ético, estético e discursivo. A metodologia envolveu procedimentos de modelização e realização de oficinas de leitura dialógica, seguidos de análise interpretativa. Os resultados indicam que a articulação entre os planos de análise favoreceu a interpretação crítica do conto e mobilizou os alunos a adotarem um posicionamento ético nas atividades de leitura.

Palavras-chave: leitura literária; Círculo de Bakhtin; ressignificação valorada; neofantástico.

Abstract: This article presents a proposal for reading with valued resignification applied to the short story "The man with the cardboard head" by João do Rio (1957), developed with 7th grade students. The discussion is based on the corpus of a study by Morais (2024), linked to the Professional Master's Program in Literature (PROFLETRAS/UFS – Itabaiana), which investigates the teaching of



literature from a dialogical and axiological perspective. Based on the assumptions of the Bakhtin Circle and the methodological framework of Carvalho (2024), the analysis proposes a reading articulated on four levels: sociocognitive, ethical, aesthetic, and discursive. The methodology involved modeling procedures and conducting dialogical reading workshops, followed by interpretative analysis. The results indicate that the articulation between the analytical planes favored the critical interpretation of the story and mobilized students to adopt an ethical stance in their reading activities.

Keywords: literary reading; Bakhtin Circle; valued resignification; neofantastic.

1. Introdução

O crítico literário brasileiro Antônio Candido, em seu ensaio “O direito à literatura” (1988), defende que o acesso à leitura literária é um direito humano fundamental. Sua visão ressalta a capacidade da literatura de enriquecer a experiência humana, promovendo o desenvolvimento intelectual, emocional e ético das pessoas. O autor enfatiza que o acesso à literatura não deve ser um privilégio de alguns, mas um direito de todos os indivíduos, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural. Essa perspectiva se alinha à ideia de que a literatura não é apenas uma forma de entretenimento, mas também uma ferramenta de compreensão do mundo e de si mesmo. Por sua natureza reflexiva e exploratória, a literatura permite que os leitores entrem em contato com diferentes visões de mundo, culturas e experiências de vida, contribuindo para a formação de indivíduos mais empáticos, críticos e conscientes, capazes de compreender e respeitar a diversidade de perspectivas nas relações humanas. Além disso, a leitura literária estimula a imaginação, a criatividade e a capacidade de reflexão sobre questões éticas e ideológicas.

A formação do leitor crítico e responsivo do texto artístico-literário representa um desafio significativo na prática docente. Trata-se de um processo que exige do professor a construção de um espaço de interlocução no qual o texto literário seja compreendido como um acontecimento de linguagem vinculado à vida, entendida como atividade de ampliação do universo simbólico e cultural, diante das expressões emotivas, estéticas, cognitivas e axiológicas. Nesse contexto, o trabalho com a leitura

literária deixa de se restringir ao caráter pragmático da linguagem e passa a configurar-se como uma experiência capaz de mobilizar afetos e de ampliar as possibilidades de interpretação e de cogitação de mundos possíveis por meio da criação artístico-literária, instigando o leitor a confrontar valores e a dialogar criticamente com os dilemas individuais e sociais representados no universo ficcional.

2. A proposta da leitura com ressignificação valorada

Ao propor essa abordagem de ensino da leitura literária, podemos identificar, pelo menos, dois focos distintos nas aulas de formação do leitor: o da compreensão passiva e o da compreensão ativa. Segundo Volóchinov (2017), o primeiro foco, adotado pelo ensino tradicional, tem como bússola a compreensão passiva, caracterizada por uma interação com os enunciados na qual o leitor se limita a identificar elementos explícitos, tais como o reconhecimento da finalidade comunicativa e a organização das ações e dos fatos do texto, sem mergulhar nas camadas axiológicas e ideológicas manifestadas na língua e nas relações dialógicas. Essa abordagem centra-se na recepção do conteúdo imediato, sem promover um engajamento crítico ou reflexivo com o mundo da vida.

Já no foco da compreensão ativa, compreender um enunciado não se restringe ao domínio da significação do texto, mas, antes de tudo, supõe que o agente da linguagem assuma uma posição de julgamento e de valoração, respondendo e relacionando o enunciado à cadeia viva dos acontecimentos no âmbito discursivo. A compreensão ativa implica que todo ato de linguagem esteja envolvido em um diálogo, mesmo quando a resposta assume formas implícitas, como o assentimento, a recusa ou a ironia em relação a enunciados que o antecedem. Essa concepção, aplicada ao campo artístico-literário, rompe com a ideia de que o texto é um objeto fechado em si mesmo e evidencia que ele só se realiza plenamente no diálogo com o leitor, sob a mediação do gênero discursivo.

Bakhtin, por sua vez, ao refletir sobre o campo literário na obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1993 [1924]), amplia a compreensão da arte ao defender a inseparabilidade entre conteúdo, forma e material verbal,

compreendidos como dimensões interdependentes da totalidade estética do enunciado. Para ele, o conteúdo do texto literário não é um mero depósito de ideias ou de temas, pois há uma dimensão axiológica que ganha vida em sua articulação com a expressão artística e com a substância material da linguagem. A forma não é um invólucro neutro, mas sim o princípio de organização estética que confere acabamento ao conteúdo, instaurando uma visão de mundo singular, criada artisticamente. Já a substância, por sua vez, corresponde ao material verbal, histórico e social que o autor mobiliza em sua criação por meio de palavras carregadas de vozes e valores sociais e ressignificadas pelo leitor.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997 [1965]), Bakhtin redefine o conceito de estilo ao vinculá-lo à multiplicidade de vozes que compõem o enunciado. Na perspectiva bakhtiniana, o estilo não é apenas um conjunto de recursos formais ou ornamentais da linguagem, mas a forma sensível pela qual as vozes sociais se manifestam e se confrontam, revelando acentos apreciativos e posicionamentos ideológicos e axiológicos. Cada escolha lexical, cada ritmo ou entonação não é neutro: expressa uma atitude valorativa diante do outro e do mundo. Assim, a análise estilística, integrada à arquitetura da obra e ao gênero discursivo, permite identificar não apenas o que se diz, mas também como se diz e de que modo os valores se manifestam no discurso. É por meio do estilo que as relações dialógicas se tornam perceptíveis ao leitor, uma vez que as vozes não aparecem apenas no conteúdo, mas se materializam em marcas sonoras, lexicais, sintáticas e rítmicas que configuram a tonalidade valorativa do discurso. A ironia, a paródia, o *skaz*, a bivocalidade e a polêmica velada são exemplos de procedimentos estilísticos que explicitam o encontro e o confronto de vozes dentro de um mesmo enunciado.

Com base nessa compreensão bakhtiniana do estilo como expressão da dialogicidade e do confronto de vozes, passamos à exposição dos procedimentos analíticos que orientaram a elaboração das atividades de leitura com ressignificação valorada, as quais buscam traduzir, no campo didático, essa mesma dinâmica de interação entre valores e vozes no texto literário. Apresentamos, aqui, os procedimentos de análise que fundamentaram a elaboração das questões de

interpretação e de compreensão das atividades de leitura com ressignificação valorada. De acordo com Carvalho (2024), esse dispositivo de leitura literária, inspirado no Círculo de Bakhtin, consiste em um processo teórico-metodológico no qual o leitor, ao interagir com o texto, reinscreve sentidos de maneira ativa, mobilizando experiências de vida, referências culturais e posicionamentos axiológicos. Trata-se de uma proposta de leitura dialógica responsiva, em que o leitor não absorve significados prontos, mas responde dialógica e valorativamente às vozes do texto.

No plano sociocognitivo, a proposta fundamenta-se na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, desenvolvida por Bronckart (1999), que compreende a linguagem como uma forma de atividade humana mediadora das práticas sociais. Nessa perspectiva, o texto é concebido como uma realização concreta dessa atividade, organizada segundo o chamado “folhado textual” — uma estrutura composta por camadas interdependentes que integram o plano da significação. Esse folhado compreende, de modo articulado, a infraestrutura textual (que envolve o conteúdo temático, os tipos de discurso e as sequências textuais), os mecanismos de textualização (responsáveis pela coesão, progressão e organização temática) e os mecanismos enunciativos (que revelam as posições de sujeitos, as vozes e as modalidades avaliativas presentes no discurso). A leitura, nessa abordagem, consiste em reconstruir esse conjunto articulado de camadas de significação, reconhecendo como as pistas linguísticas orientam o leitor na ativação de saberes prévios, na identificação das cadeias anafóricas, na formulação de inferências, na apreensão da estrutura sequencial e da progressão temática, bem como na compreensão do gênero e de seus mecanismos enunciativos, situando o texto em seu contexto concreto de produção e circulação.

No plano ético, a análise volta-se para os dilemas humanos representados e encenados na obra, observando como diferentes consciências entram em confronto ou diálogo, convocando o leitor a uma atitude responsiva diante da pluralidade de vozes que compõem o texto. A leitura literária, nessa perspectiva, não se reduz à apreensão do conteúdo temático, mas implica uma postura ativa do sujeito frente aos valores que atravessam o enunciado, reconhecendo que toda palavra está investida de

posicionamentos sociais, ideológicos e afetivos. Assim, compreender torna-se um modo de agir eticamente na linguagem: cada ato de leitura é uma resposta valorada à palavra do outro, na qual o leitor assume a responsabilidade de sua compreensão, de seu julgamento e de sua intervenção no horizonte dialógico que o texto propõe.

Nesse sentido, a leitura se configura como um acontecimento ético-estético em que o sujeito-leitor experimenta o encontro com a alteridade, exercitando sua capacidade de escuta e empatia. Inspirada na filosofia do ato de Bakhtin (2010 [1919–1921]), essa perspectiva reconhece que o ato de compreender é, em si, um ato responsável, pois envolve a tomada de posição diante das consciências alheias e dos valores encenados na obra. Ler, portanto, é assumir a coautoria do sentido: é responder ao texto a partir de um lugar axiológico próprio, confrontando-se com o outro sem anulá-lo. A ética da leitura reside exatamente nesse diálogo entre o eu e o outro, possibilitando ao leitor reavaliar seus próprios valores.

No plano estético, a análise volta-se para o acabamento artístico que confere forma e unidade à criação literária, compreendendo a obra como resultado de uma relação dialógica entre o autor-criador, o herói e o leitor. O olhar estético busca apreender o modo como o texto organiza o jogo de vozes, os recursos estilísticos, os acentos apreciativos e o cronotopo, categorias que, em conjunto, transfiguram a realidade empírica em um mundo estético autônomo, dotado de valor e forma. Essa transfiguração, segundo Bakhtin (2011 [1979]), não representa uma fuga da vida, mas um modo singular de reorganizá-la artisticamente, produzindo uma visão de mundo concretizada na linguagem.

Nessa perspectiva, a obra literária se configura como uma construção arquitetônica em que se entrelaçam conteúdo, forma e material verbal. O acabamento estético, produzido pelo autor-criador, é o ponto de convergência dessas dimensões: ele estabelece a fronteira entre o vivido e o representado, oferecendo ao leitor uma experiência sensível e valorada que o conduz à esfera do outro. Entretanto, tal acabamento não se encerra no texto em si, pois encontra sua plenitude na relação responsiva do leitor, cujo excedente de visão projeta novos horizontes de sentido. Assim, o ato estético é sempre inacabado, renovando-se a cada leitura, quando o

leitor, situado em outro tempo e espaço axiológico, reinscreve a obra em novas cadeias de valor e de significação.

Por fim, no plano discursivo, a análise incide sobre as relações dialógicas que se instauram entre o texto e outros discursos da cultura, examinando como o enunciado literário responde, contesta ou reinterpreta vozes sociais de diferentes esferas. Nesse nível, busca-se compreender o movimento de atualização dos sentidos e a circulação ideológica da palavra, considerando a historicidade, a polifonia e os valores que emergem na interação entre autor, narrador, personagem e leitor. O plano discursivo, portanto, permite observar o texto como acontecimento de linguagem inserido em uma rede viva de enunciados, onde cada voz é simultaneamente singular e social.

Com base nos fundamentos apresentados, compreende-se que a leitura literária, concebida a partir dos planos sociocognitivo, ético, estético e discursivo, configura-se como um acontecimento de linguagem em que o leitor participa ativamente da construção de sentidos e responde aos valores e vozes presentes no texto. Essa concepção, ancorada na perspectiva bakhtiniana e na proposta de leitura com ressignificação valorada, transforma o ato de ler em uma prática de interação ética, estética e cognitiva com a palavra do outro. Nesse horizonte, situa-se a proposta de aplicação que busca materializar, em contexto escolar, os princípios teórico-metodológicos discutidos, por meio da análise dialógica de uma obra literária que promove reflexão crítica e sensibilidade estética.

3. Ressignificação valorada e atualização do discurso

O presente artigo revisita os resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS), por Moraes (2024), realizada em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental II. A proposta toma como objeto de estudo as relações dialógicas no conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio. A escolha desse texto justifica-se por apresentar o desafio de trabalhar com a leitura do gênero neofantástico, que se caracteriza pela naturalização do insólito na narrativa, sem instaurar, no leitor ou nos personagens, a vacilação típica do fantástico tradicional, conforme proposto por Todorov (2007). O termo

“neofantástico”, cunhado por Jaime Alazraki (1990), representou um marco na redefinição do gênero fantástico no século XX, ampliando suas possibilidades de leitura e interpretação.

Um dos pontos cruciais para a compreensão do conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio, consiste em reconhecer a diferença entre o fantástico tradicional e o neofantástico, uma vez que tratá-los como categorias equivalentes pode gerar equívocos analíticos. O fantástico, segundo Todorov (2007), é definido pelo estado de hesitação do leitor e dos personagens entre uma explicação natural e outra sobrenatural até o desfecho da narrativa. Dessa maneira, muitas histórias que evocam a fantasia ou o mágico foram denominadas “fantásticas”, embora não se enquadrem plenamente na definição proposta por Todorov. Na abordagem todoroviana, o fantástico, entendido como efeito de hesitação entre o natural e o sobrenatural, enfatiza aspectos ligados ao imaginário e ao terror, mostrando-se, contudo, insuficiente para compreender as narrativas que utilizam o insólito como meio de interrogar os limites do real e do possível.

Roas (2014) retoma essa discussão e reformula os limites do fantástico, argumentando que, mesmo sem a vacilação tradicional proposta por Todorov (2007), a transgressão do real permanece como núcleo essencial do gênero. Para o autor, o fantástico contemporâneo — ou neofantástico — não depende mais da dúvida entre o natural e o sobrenatural, mas da irrupção do impossível no seio do cotidiano, que desestabiliza as estruturas perceptivas e cognitivas do sujeito. A naturalização do impossível, nesse contexto, instaura uma dupla ameaça: viola as leis físicas que regem o mundo empírico e as leis psíquicas e sociais que sustentam nossa confiança no real. O efeito estético do neofantástico, portanto, não é o medo diante do sobrenatural, mas o estranhamento diante da fragilidade das fronteiras que separam o real do imaginário. Assim, o neofantástico não substitui o fantástico clássico, mas o amplia e o reinterpreta, oferecendo novas chaves críticas para compreender sua permanência e transformação na literatura contemporânea.

A partir da complexidade que caracteriza o gênero discursivo neofantástico, cuja natureza híbrida desafia as fronteiras entre o real e o insólito, o simbólico e o

social, delinea-se um campo fértil para o trabalho com a leitura literária em perspectiva dialógica. Essa complexidade, apoiada nos estudos literários contemporâneos, evidencia desafios para a organização de um itinerário de leitura que, ancorado na teoria do Círculo de Bakhtin, busca promover a prática da ressignificação valorada como experiência formativa e interpretativa. É nesse horizonte que se insere o dispositivo de leitura com ressignificação valorada, aplicado ao conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio. Tal dispositivo estrutura-se a partir do movimento de análise de quatro planos interdependentes: sociocognitivo, ético, estético e discursivo.

Por esse caminho, revisitamos a aplicação desse dispositivo de análise, realizada por um professor-pesquisador em uma turma de 7º ano de uma escola pública do estado da Bahia, com ênfase no planejamento dos momentos da aula de leitura e na organização das atividades. Descrevemos os planos de análise que orientaram as etapas de leitura e contribuíram para o desenvolvimento das capacidades leitoras. Por se tratar de uma narrativa vinculada ao neofantástico, em que o insólito é naturalizado e assume a função de alegoria social, o planejamento das atividades demandou abordagens distintas daquelas empregadas no trabalho com o fantástico clássico, requerendo maior atenção às dimensões ética, estética e discursiva da obra.

João do Rio e a arquitetônica de *O Homem da Cabeça de Papelão*

Iniciamos nosso trabalho de leitura com o reconhecimento do autor que provoca o diálogo por meio de sua criação estética. O escritor João do Rio (1881–1921), cronista, repórter, contista e dramaturgo, retratou o cotidiano urbano carioca da Belle Époque com um olhar agudo sobre suas contradições. Em suas crônicas e contos, exploram-se temas como a marginalidade, a vida mundana, os contrastes entre luxo e miséria, a superficialidade da vida política e as transformações sociais em curso. Sua obra articula observação social, ironia e crítica moral, compondo um mosaico das tensões e ambiguidades da modernidade urbana do Rio de Janeiro.

É justamente nesse horizonte de observação crítica e sensibilidade estética que se insere a leitura bakhtiniana de sua produção literária, especialmente do conto

O Homem da Cabeça de Papelão. Do ponto de vista de Bakhtin, essa narrativa se destaca pela complexa arquitetônica que organiza o encontro entre o autor-criador, o herói e o leitor. O autor-pessoa, testemunha das transformações éticas e sociais da Belle Époque carioca, projeta no autor-criador uma consciência estética que ironiza o comportamento padronizado da sociedade moderna. Esse autor-criador, por sua vez, constrói o herói Antenor como um sujeito que encena o dilema da identidade em um mundo dominado pela aparência e pela artificialidade. A substituição da cabeça por uma de papelão representa, metaforicamente, o esvaziamento do pensamento crítico e da autenticidade moral diante das exigências de conformidade social.

Na arquitetônica da obra, o ato ético do protagonista Antenor adquire um valor estético e axiológico que transcende o mero enredo. Trata-se de um gesto que evidencia a alienação do sujeito frente às normas do coletivo e a transformação do humano em objeto social. A ironia do narrador cria um efeito de distanciamento que, ao mesmo tempo, denuncia e convida à reflexão. Nessa relação, o leitor é convocado a assumir uma posição responsiva: não apenas compreender o fato insólito, mas avaliar os valores implicados nas escolhas do personagem e nas vozes que o cercam.

A leitura com ressignificação valorada, nesse contexto, permite compreender a força ética e estética da obra de João do Rio não apenas como denúncia moral, mas como experiência de linguagem que convoca o leitor à resposta. Ao explorar o insólito como via de revelação dos conflitos sociais, o conto transforma o grotesco em espelho ético, revelando a forma estética manifestada na ironia, no exagero e na paródia.

Plano Sociocognitivo: o contexto de produção e a estrutura semântica do texto

No plano sociocognitivo, a leitura com ressignificação valorada considera que compreender um texto significa, antes de tudo, reconstruir as condições em que ele foi produzido e o modo como o leitor elabora mentalmente sua representação. Inspirada no Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (1999), essa etapa busca observar como o aluno mobiliza conhecimentos linguísticos, culturais e contextuais para construir o sentido global do texto, reconhecendo suas intenções, vozes e valores. Do ponto de vista didático, esse reconhecimento orienta o professor na

elaboração de perguntas que ajudem o aluno a construir representações mentais coerentes e ativas sobre o texto. Essas perguntas devem guiar a leitura em dois níveis:

1. **Compreensão contextual (condições de produção):** situar o texto no tempo, espaço e intenção comunicativa do autor.
 - *Exemplo:* “Em que contexto social João do Rio escreveu o conto? O que o ‘País do Sol’ representa para ele?”
2. **Compreensão estrutural (organização semântica):** identificar a relação entre partes e todo, reconhecendo a progressão e o encadeamento temático.
 - *Exemplo:* “Como cada episódio contribui para mostrar a transformação de Antenor?”

Antes de iniciar a leitura do conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, a professora-pesquisadora iniciou a aula apresentando o autor João do Rio e o contexto social em que o conto *O Homem da Cabeça de Papelão* foi escrito, buscando situar os alunos do 7º ano nas **condições de produção** da obra. O objetivo era despertar a curiosidade e preparar o terreno para uma leitura mais interpretativa e valorada. A professora lê um breve texto de apresentação:

João do Rio era o nome literário de **Paulo Barreto (1881–1921)**, um jornalista e escritor que viveu no **Rio de Janeiro da Belle Époque**, um tempo em que a cidade mudava rapidamente. As ruas eram abertas, os bondes elétricos começaram a circular e as pessoas se encantavam com a ideia de modernidade. Mas, ao mesmo tempo, aumentavam a desigualdade e o preconceito. João do Rio observava tudo isso com atenção. Ele gostava de andar pelas ruas, conversar com todo tipo de gente e escrever sobre os contrastes entre o luxo e a pobreza, entre o que parecia ser e o que realmente era. O conto *O Homem da Cabeça de Papelão* foi publicado em **1957** e mostra, com ironia e imaginação, o que acontece quando alguém troca sua cabeça verdadeira por uma feita de papelão para ser aceito pela sociedade.

Durante a leitura, a professora observou o interesse dos alunos — alguns riram do título, outros expressaram espanto com a ideia de “trocar de cabeça”. Aproveitando o momento, ela fez a primeira pergunta:

– **O que vocês acham que significa “ter uma cabeça de papelão”? É só uma invenção engraçada ou pode ter outro sentido?**

Essa pergunta inicial provocou diferentes hipóteses. Um aluno comentou que “talvez fosse uma cabeça falsa, feita para enganar os outros”; outro disse que “podia

ser uma forma de dizer que a pessoa pensa igual a todo mundo”. A partir dessas respostas, a professora retomou a ideia de que João do Rio escrevia textos críticos e observadores da vida moderna, e explicou que o conto pertence ao gênero neofantástico, um tipo de narrativa que mistura o real e o insólito sem precisar de elementos sobrenaturais. Ela então perguntou:

– Quando vocês leem que um homem trocou a cabeça, isso parece mesmo impossível, não é? Mas será que o autor quer que a gente acredite nisso ou quer que a gente perceba outra coisa por trás dessa troca?

Os alunos começaram a perceber o **efeito alegórico** do conto. Uma aluna respondeu: **“Parece que ele quer mostrar que tem gente que muda de cabeça só para ser aceita.”** A professora aproveitou o comentário para explicar, de modo simples, que essa é uma das funções do insólito no neofantástico: criar uma situação impossível para nos fazer pensar sobre o que é real. Em seguida, ela exibiu o início do conto e conduziu uma leitura compartilhada:

No País que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social. O País do Sol, como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas. (Rio, 1957, p.196).

O trecho começa criando uma expectativa: um lugar chamado **País do Sol** sugere luz, brilho, calor, vitalidade, quase um espaço mítico. Porém, a frase imediatamente nega essa expectativa: *“apesar de chover, às vezes, semanas inteiras”*. Essa contradição entre o nome e a descrição já coloca o leitor diante do recurso irônico: o suposto país radiante é, na realidade, um espaço cinzento e banal. Além disso, a ironia se intensifica quando o narrador afirma que, *“como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas”*. Aqui há um jogo de inversão: espera-se que um país lendário seja extraordinário, mas o narrador anuncia que as ideias e as práticas podem surpreender o leitor. Esse primeiro parágrafo já abre porta para o estranhamento e uma situação que o leitor pode formular hipóteses sobre como esse país deve ser. Temos, então, o título e o primeiro parágrafo que abre espaço para o leitor lançar hipóteses sobre o desenvolvimento do

enredo da história. A professora intercala com perguntas curtas para estimular a reflexão:

- **Como vocês imaginam um lugar chamado “País do Sol”?**
- **Por que será que, mesmo com esse nome, o narrador diz que lá chove durante semanas?**
- **O que essa contradição pode estar mostrando sobre esse país?**

As respostas mostraram que os alunos começaram a fazer inferências e elaborar hipóteses em torno do tom irônico do texto. Um grupo disse que o “País do Sol” parecia “um lugar de mentira, que só finge ser bom”. Essa percepção foi um marco importante, pois indicava que eles estavam reconhecendo o modo como a linguagem cria o sentido crítico. Ao longo da discussão, a professora foi retomando o papel social do autor, provocando novas relações:

– Se João do Rio escrevesse hoje, sobre o mundo em que a gente vive, o que vocês acham que ele observaria?

Os alunos responderam com exemplos espontâneos: “falaria das pessoas nas redes sociais”, “das mentiras da internet”, “dos políticos corruptos”. Esse diálogo evidenciou que o contexto histórico da obra serviu de ponte para a leitura responsiva do presente. Essas perguntas favoreceram a construção de relações lógicas e valorativas entre os acontecimentos do texto, suas metáforas e os discursos sociais que o atravessam. Em seguida, a professora-pesquisadora deu início ao reconhecimento da estrutura global do texto, buscando compreender a organização semântica que materializa o processo de semiotização do conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio.

Reconhecer a estrutura global do texto e seus elementos é fundamental para orientar tanto a compreensão quanto a formulação de atividades de leitura. A identificação das partes que compõem a narrativa (situação inicial, episódios, clímax e desfecho) permite visualizar como a progressão temática se organiza e quais núcleos de sentido sustentam a estrutura do texto. Essa sistematização tem o papel de favorecer a identificação das relações de causa, consequência e oposição que

sustentam a crítica alegórica do conto, conduzindo o aluno a compreender como forma, conteúdo e comentário do narrador se articulam na criação do sentido global do texto.

No conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, essa compreensão textual revela o percurso de transformação do herói que vai de uma postura de rejeição coletiva para a adesão à hipocrisia, funcionando como um guia de leitura que estimula inferências, hipóteses e reflexões éticas. A seguir, apresentamos o quadro de reconhecimento da superestrutura narrativa, elaborado com base em Bronckart (1999).

Quadro 1: Estrutura do conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio

Elementos da superestrutura	Macroestrutura
Situação inicial	O conto se passa no País do Sol, alegoria de uma sociedade moderna e contraditória, marcada pelo parasitismo, pela ostentação e pelo “bom senso” hipócrita. Antenor é apresentado como exceção: honesto, trabalhador, sincero e “bom demais” para ser aceito socialmente.
Episódio 1	A mãe o considera “louco, mas bom”; o tio sugere que Antenor abandone o trabalho honesto e busque a profissão de bacharel para ascender socialmente, valorizando o dinheiro, o prestígio e a aparência. Antenor recusa.
Episódio 2	Antenor fracassa em diferentes trabalhos (professor, operário, comerciante) e é rejeitado por ser produtivo, honesto e crítico. É chamado de “doido” e “perigoso”.
Episódio 3	Antenor se apaixona por Maria Antônia, que condiciona o casamento ao fato de ele “tomar juízo”, ou seja, pensar e agir como os outros.
Episódio 4	Antenor vai a uma relojoaria para “consertar” sua cabeça e recebe uma cabeça provisória de papelão por trinta dias. A partir daí, inicia-se sua ascensão social.
Episódio 5	Com a cabeça de papelão, Antenor passa a mentir, envolve-se em corrupção, faz amizades influentes, joga pôquer com o Ministro da Agricultura e enriquece vendendo feijão bichado para os exércitos aliados. Torna-se político e é cogitado como candidato ao Senado.
Episódio 6	Ao retornar à relojoaria, o dono afirma que sua cabeça original é perfeita e genial, bastando apenas recolocá-la.
Clímax / solução	Antenor precisa decidir se ficará com a cabeça de papelão ou com sua cabeça original. Escolhe permanecer com a de papelão, confirmando sua adesão ao falso.

Desfecho / desenlace	Antenor renega definitivamente a própria cabeça, optando por viver com a de papelão. O conto encerra-se com ironia: no País do Sol, triunfa quem se adapta à aparência e à falsidade.
-----------------------------	---

Fonte: elaborado pelos autores.

O domínio da macroestrutura constitui uma das operações mais importantes na realização do plano sociocognitivo, preparando o leitor para avançar, de forma gradual e ativa, para os planos ético, estético e discursivo da análise literária. O leitor, ao reconstruir essa rede de significação, realiza operações de organização dos acontecimentos, bem como situa intercalações de comentários realizados pelo narrador. Nesse processo, outras perguntas estimularam a compreensão ativa, tais como:

- *Onde e quando se passa a história?* (ativação do contexto de produção);
- *Que imagens ou ideias vêm à mente quando se fala em "País do Sol"?* (antecipação e inferência de sentidos);
- *Por que o autor escolhe uma cabeça de papelão? O que essa metáfora representa?* (interpretação simbólica);
- *Quais valores sociais estão sendo criticados na narrativa?* (relação entre texto e realidade social).

Nesse movimento, o professor atua como mediador entre a estrutura semântica da obra e o processo de representação global do texto. Ao propor perguntas que mobilizam inferências, analogias e interpretações simbólicas, o docente estimula a construção semântica do texto, permitindo ao leitor organizar os acontecimentos, compreender as intenções dos personagens e perceber o texto como unidade coerente e valorada. Essa abordagem desloca, aos poucos, para a interpretação dialógica, em que cada resposta é também uma tomada de posição axiológica.

Além disso, observamos, no plano sociocognitivo linguístico-discursivo, que a leitura do conto requer atenção não apenas ao enredo, mas também ao modo como o narrador constrói o sentido por meio da linguagem. O trecho — *"Vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social."* — revela que a ironia nasce justamente da simplicidade gramatical. As frases curtas e negativas, dispostas em sequência, criam um efeito de rebaixamento cômico, desmontando qualquer ideia de grandeza. Assim,

o texto mostra como a forma sintática, aparentemente neutra, é atravessada por um acento valorativo, orientando a leitura para o tom satírico e crítico.

Plano Ético

Na dimensão ética, o enunciado literário coloca o leitor diante de vozes, valores e consciências em confronto. O herói, ao trocar sua cabeça verdadeira por uma de papelão, vivencia a tensão entre ser fiel a si mesmo e ser aceito pelos outros. O leitor é convocado a se posicionar responsivamente diante do dilema de perder a sua identidade. O diálogo entre Antenor e o relojoeiro, no qual a cabeça do personagem é tratada como se fosse um relógio, constitui um dos momentos mais emblemáticos da narrativa, apresentando um acabamento estético do autor-criador que abre espaço para a atitude responsiva do leitor. Eis o trecho:

— Traz algum relógio?
 — Trago a minha cabeça.
 — Ah! Desarranjada?
 — Dizem-no, pelo menos.
 — Em todo o caso, há tempo?
 — Desde que nasci.
 — Talvez impreviã na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças, como os relógios, para regular bem. (Rio, 1957, p.201).

O enunciado revela o processo de desumanização presente na sociedade de forma alegórica. Antenor é reduzido a uma máquina desregulada que precisa de ajuste, e o relojoeiro assume o papel simbólico de quem “conserta” consciências como se fossem peças. O leitor, então, é desafiado a perceber uma denúncia da lógica social que transforma o ser humano em engrenagem. A repetição de termos técnicos — “observação de trinta dias”, “desmontagem geral” — confere à fala do relojoeiro um tom paródico, como se ele tratasse de um mecanismo e não de um homem.

Essa estratégia estilística cria um efeito de caricatura e rebaixamento, em que a seriedade técnica é deslocada para um contexto absurdo, revelando a crítica social que permeia o conto. O enunciado, portanto, possui conclusibilidade estética, encerrando uma unidade de ação e de valor, mas deixando em aberto a interpretação do leitor. O narrador, por sua vez, ocupa uma posição exotópica, isto é, observa de

fora, ironiza e desmonta as aparências. Sua voz não se confunde com a de Antenor nem com a da sociedade, mas as expõe em suas contradições. Quando o relojoeiro afirma que *"as cabeças são como os relógios, para regular bem"*, temos uma voz social que ecoa a lógica tecnicista da modernidade. Quando Antenor aceita a cabeça de papelão, ouvimos a voz coletiva que valida a aparência em detrimento da autenticidade. O que emerge é uma rede polifônica de vozes:

- a voz social, que exige conformidade;
- a voz do narrador, que ironiza e revela o ridículo;
- e a voz de Antenor, fragmentada, que oscila entre o desejo de aceitação e a perda de identidade.

O conto não representa apenas um acontecimento absurdo, mas encena a luta discursiva entre diferentes visões de mundo, expondo a crise do compromisso com a verdade e a perda da autenticidade na vida moderna. O enunciado, articulado alegoricamente ao mundo da vida, explicita uma visão de mundo em que o sujeito é reduzido a engrenagem de uma máquina social. Essa metáfora, inicialmente cômica, revela o processo de mecanização e alienação do humano. Ao reconhecer a dimensão ética e dialógica do conto, a docente conduziu os alunos a ultrapassarem a leitura descritiva, promovendo uma interação interpretativa em que cada voz do texto foi confrontada com valores e experiências reais. Durante a mediação, a professora-pesquisadora propôs perguntas que instigaram o pensamento crítico, incentivou a escuta e o diálogo entre os estudantes e retomou suas falas para construir sentidos coletivos. Dessa forma, o plano ético deixou de ser apenas um eixo analítico e se transformou em princípio formativo, permitindo que o ato de ler se tornasse também um exercício de alteridade, responsabilidade e posicionamento diante das questões humanas encenadas pela literatura em diálogo com o mundo da vida.

Plano Estético

A compreensão estética, quando fundamentada nos princípios da estilística sociológica e filosófica proposta por Bakhtin e pelo Círculo, abre um campo essencial para o ensino da literatura, pois desloca a atenção da mera decodificação de enredos ou da análise estruturalista do texto para o estudo do conflito de vozes que nele se encena. Nesse horizonte, o texto artístico-literário não é visto como forma isolada,

mas como um espaço de interação discursiva em que o autor-criador organiza, transfigura e refrata as vozes sociais, produzindo uma arquitetônica própria. Conforme Carvalho (2024a), esse conflito de vozes pode se manifestar de diversas formas estilísticas, entre as quais destacam-se:

- **a paródia**, que reelabora de modo crítico ou humorístico um discurso já existente, instaurando uma tensão entre o dizer alheio e o dizer do autor;
- **a estilização do discurso do outro**, quando uma voz social é incorporada com certo distanciamento crítico ou apreciativo, sem ser reproduzida mecanicamente;
- **o heterodiscurso**, entendido como a presença de múltiplos discursos sociais que se entrecruzam no texto literário;
- **a polêmica velada e não velada**, em que uma voz se afirma em embate com outras, seja de modo explícito (com confronto direto), seja de modo implícito (através da ironia, da alusão, da ambiguidade).

Do ponto de vista estético, o enunciado literário possui acabamento que se dá na forma artística: o estilo, a composição, a escolha das vozes narrativas e das imagens. Esse acabamento, porém, não significa fechamento definitivo. Ao contrário, o texto artístico abre-se sempre para novas respostas, porque sua conclusibilidade é relativa e depende da atitude responsiva do leitor.

Plano Discursivo

No plano discursivo, *O Homem da Cabeça de Papelão* se constrói como um enunciado literário atravessado por múltiplas vozes sociais, funcionando como resposta crítica a discursos de valorização da aparência e da adaptação social acrítica. O narrador, longe de ser neutro, assume uma posição valorada, irônica e deliberadamente exagerada, revelando a artificialidade das normas sociais do País do Sol. A dialogicidade do texto emerge não apenas na tematização da alienação, mas na forma como o discurso narrativo incorpora, tensiona e satiriza enunciados da política, do jornalismo e da moral da época.

A análise do plano discursivo evidencia como a narrativa se estrutura como um campo de tensões enunciativas em que a ironia, a alegoria e a estilização do grotesco operam como estratégias de desestabilização dos discursos dominantes. O narrador constrói um enunciado que imita, parodia e desmonta o discurso normativo da

sociedade, revelando, por meio de deslocamentos linguísticos e da construção simbólica do insólito, o caráter ideológico dos valores naturalizados. A voz narrativa organiza o acabamento do texto de forma a denunciar a adesão social à falsidade como norma, fazendo com que o discurso não apenas diga algo, mas atue socialmente sobre o leitor. No processo de leitura com ressignificação valorada, esse plano permite ao aluno compreender que os sentidos não estão apenas no conteúdo temático, mas na forma como os enunciados se estruturam, se confrontam e se abrem à resposta.

Se o narrador dá acabamento, cabe ao leitor ocupar o lugar do interlocutor responsivo. Esse é um ponto central da teoria bakhtiniana: nenhum enunciado é feito sem prever uma resposta. O leitor é chamado a reagir de modo crítico, ético e estético. Crítico, ao reconhecer a ironia e identificar a denúncia social que o conto articula; ético, ao refletir sobre as consequências da normalização e da perda da individualidade; estético, ao valorizar a elaboração literária e o jogo neofantástico que mistura realidade e absurdo. Assim, o narrador, criado pelo autor-criador, não encerra a obra em silêncio, mas a entrega ao leitor como um convite à réplica. O acabamento do texto é, ao mesmo tempo, fecho e abertura: fecho no nível da trama e abertura no plano da interpretação e da resposta ativa que só o leitor pode dar.

O conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio, mobiliza elementos do fantástico e do absurdo para elaborar uma crítica às normas sociais de sua época, exigindo que o leitor perceba os procedimentos alegóricos mobilizados pelo autor-criador. A troca da cabeça por uma de papelão não é o ápice do fantástico, mas sim a adesão coletiva a valores que desprezam a verdade interior e exaltam o prestígio vazio. O verdadeiro insólito, portanto, reside no corpo social transformar o artificial em norma, premiando o conformismo e silenciando qualquer forma de autenticidade e pensamento ético.

Considerações finais

Apresentamos, neste trabalho, uma proposta de leitura com ressignificação valorada com o conto *O Homem da Cabeça de Papelão*, de João do Rio, aplicada em

uma classe do 7º ano do Ensino Fundamental. A atividade foi desenvolvida como parte de uma oficina de leitura literária orientada por princípios dialógicos e axiológicos, voltada à formação ética e estética dos estudantes. O conto de João do Rio oferece uma chave exemplar dessa construção: mais do que a troca da cabeça por uma de papelão, é a adesão coletiva à falsidade, à hipocrisia e ao prestígio vazio que constitui o verdadeiro absurdo narrativo. Assim, a modelização do gênero é uma possibilidade de ampliar o horizonte de expectativas dos alunos e instaurar um campo de problematização ética e estética.

A leitura em quatro planos interligados permitiu explorar o conto em sua totalidade: compreender sua estrutura textual e seus efeitos de sentido (plano sociocognitivo), refletir sobre os dilemas éticos que atravessam as ações das personagens (plano ético), apreciar os recursos de estilização e a força alegórica da narrativa (plano estético) e identificar os embates entre vozes sociais em disputa (plano discursivo). Essa abordagem assegurou uma leitura crítica, responsiva e sensível, em que os alunos puderam interpretar a literatura como campo de tensão e posicionamento diante da realidade. Em função da extensão limitada deste artigo, optamos por concentrar a exposição nos fundamentos da proposta e nos eixos analíticos que nortearam a leitura. A descrição detalhada das práticas em sala, das produções dos alunos e das estratégias avaliativas será objeto de futuros relatos. Este texto, portanto, constitui um recorte introdutório de uma experiência mais ampla que será divulgada em novos artigos.

Referências

ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, David (Org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265-282.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária (1924). In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goês Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail. [1963]. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística (1934-1935)**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. [1920]. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, texto e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. **Agir de linguagem na escola e na universidade** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021.

CARVALHO, José Ricardo. O fantástico no gênero conto de terror. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, jan-jun, p. 213-229, 2021.

CARVALHO, José Ricardo. Uma proposta de compreensão ético-discursiva na leitura do texto literário. In: AMORIM, Ivonete Barreto de; CASTRO, Selma Daltro Barros de; GONZÁLEZ, C. Máryuri Garcia (Org.). **Educação, políticas públicas e desenvolvimento social: contextos interdisciplinares**. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2023, p. 162-177.

CARVALHO, José Ricardo. A leitura dialógica com ressignificação valorada. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 41, n. 1, p. 57-71, 2024.

CARVALHO, José Ricardo. A metalinguística bakhtiniana como procedimento para leitura dialógica literária. In: CARVALHO, José Ricardo; LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (orgs.). **Linguagem em sociedade: diversificados olhares teórico-metodológicos e práticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024a. p. 205-236.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica à poética sociológica (1928)**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MORAIS, Ana Célia Santana. **Oficina literária do conto neofantástico: O homem da cabeça de papelão de João do Rio**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2024. 44 p. Caderno pedagógico. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/19992>. Acesso em: 14 ago. 2025.

MORAIS, Ana Célia Santana. **Relações dialógicas no conto neofantástico**: O homem da cabeça de papelão, de João do Rio. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2024. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/19990>. Acesso em: 14 ago. 2025.

RIO, João. O homem de cabeça de papelão. In: MAGALHÃES Jr, Raymundo. **Antologia de humorismo e sátira**: de Gregório de Matos a vão Gôgo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957. p. 196-203.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp (2014).

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 400p.

ⁱⁱ Professor Titular em Estudos Linguísticos da UFS. Doutor pela UFF. Professor permanente do Profletras/UFS. Líder do GEADAS (Grupo de Estudos Alfabetização, Discurso e Aprendizagens). Universidade Federal de Sergipe
E-mail: ricardocarvalho.ufs@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6196-5824>

ⁱⁱ Ana Célia Santana Moraes, Mestra em Língua Portuguesa pelo Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – na Universidade Federal de Sergipe – UFS, Campus Itabaiana. Possui graduação em Letras com habilitação em Línguas Portuguesa e Inglesa - CESVASF (Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco).
E-mail: anajuliamorais@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5739-9844>

Recebido em 08/10 /25

Aprovado em 13/05/26



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).